

O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918)

O 20 DE GUIMARÃES NA PRIMEIRA GRANDE GUERRA (1914-1918)¹

«Quando alguém me pergunta se sou português, é do meu hábito — e da minha verdade — responder: ‘Não, não sou Português, sou mais do que isso, sou de Guimarães! Com efeito, sou de uma pátria pequeninha e sólida chamada Guimarães, que tem por limite Vizela e Caneiros, a Penha e a Pisca. O resto, meus velhos amigos, é a fronteira de um outro Mundo’. No amor pelos homens, e na defesa dos seus direitos e dignidade, não reconheço fronteiras. Mas a minha Pátria, a Pátria que me faz vibrar, a minha Pátria autêntica e forte é a Pátria da minha infância, é Guimarães!»²

Os inúmeros e variados eventos que decorrem um pouco por todo o mundo por ocasião do centenário da Primeira Guerra Mundial proporcionam à sociedade contemporânea uma nova oportunidade para refletir sobre aquele que é considerado o conflito armado mais mortífero na história da Humanidade. Em cada nação participante, independentemente da sua outrora condição de vencedor ou vencido, relembra-se a conjuntura política, económica e social vivida na época, analisam-se as circunstâncias que motivaram a sua intervenção, revê-se o papel desempenhado no desenrolar do confronto, cada ato de hostilidade, as alianças, os jogos de influência, as pressões, e recorda-se o seu final, as consequências imediatas e a longo prazo, ganhos e perdas, o verdadeiro custo da guerra e o seu legado de ódio e ressentimento que levou mais tarde ao eclodir de um novo conflito à escala mundial.

Neste preciso momento em que se apela à memória e à reflexão, também os Portugueses procuram conhecer e compreender o seu passado na Primeira Grande Guerra. Não obstante o número significativo de publicações de carácter generalizante que existe sobre o tema, verifica-se uma tendência que se foca nos indivíduos que vivenciaram o conflito e que passa pela recuperação das suas biografias quer através da reedição de livros de memórias, quer por via de novas investigações, realizadas com base no cruzamento de uma grande amplitude de fontes de informação, algumas delas recentemente descobertas ou só agora exploradas.

No contexto desta tendência enquadra-se o presente trabalho, que assume a forma de um contributo para o estudo da história do Regimento de Infantaria Nº 20, aquartelado na cidade de Guimarães desde 1884 até 1927. Procura-se analisar em concreto a presença do Regimento na Primeira Guerra Mundial, removendo-o e aos seus militares do esquecimento em que caíram com o passar dos anos, com a certeza de que as suas histórias possibilitam um maior e melhor entendimento do seu tempo, do conflito em que se viram envolvidos e dos homens que nele combateram.

O Regimento de Infantaria Nº 20 a caminho de Tancos

A Primeira Guerra Mundial não passou ao lado de Guimarães, nem a cidade foi poupada às suas exigências e constrangimentos. Ao pesado compromisso da guerra respondeu o Regimento de Infantaria Nº 20 com a mobilização de cerca de mil vimaranenses para o conflito, dos quais apenas uma minoria regressou, carregando profundas mazelas. As suas experiências nos violentos confrontos na Flandres, Angola e Moçambique

¹ Dedico este trabalho a dois militares, o primeiro do R.I. 20 e o segundo do R.I. 19, que conheci e com quem privei na minha infância e juventude, nomeadamente Álvaro Machado, 2º sargento de infantaria, e o tenente Ernesto Moreira dos Santos, que comigo partilharam a sua experiência enquanto combatentes na Flandres e em Moçambique, respetivamente. Os seus ensinamentos, sempre transmitidos num ambiente de grande respeito e amizade, jamais serão esquecidos.

² Jornal *Notícias de Guimarães* de 7 de outubro de 1956, p. 1. Fonte: Hemeroteca da Sociedade Martins Sarmento. Frase proferida por Novais Teixeira, numa homenagem a ele prestada no Restaurante Jordão.

permanecem até à atualidade por conhecer e divulgar, os seus esforços e sacrifícios aguardam ainda o merecido reconhecimento que há época ninguém lhes soube prestar. Para essa situação muito terá contribuído a apatia generalizada dos dirigentes políticos locais, das altas patentes militares e da própria população.

A participação do Regimento de Infantaria Nº 20 na Primeira Guerra Mundial iniciou-se, tal como no caso de outras unidades militares, antes da declaração oficial de guerra alemã a Portugal, que acabaria por ter lugar a 9 de março de 1916. Com efeito, o conflito já decorria no palco europeu, mas sem a intervenção de Portugal que, seguindo a sugestão da “velha aliada” Inglaterra, não declara a sua neutralidade, mas também não se assume como país beligerante³. Para todo o caso, não convinha aos Ingleses a entrada de Portugal na guerra pois recebavam a falta de preparação das tropas lusas e, eventualmente, a sua transformação num fardo penoso para os Aliados. Por outro lado, antecipavam a possibilidade de, no final do conflito, se poder dispor das colónias portuguesas como mecanismo de compensação para os vencedores.

Apesar de inicialmente arredado do teatro de guerra europeu, Portugal enfrenta a hostilidade germânica logo em 1914, mas em África. Em risco encontrava-se a integridade do seu império colonial, posta em causa pelas tropas alemãs que atacam o norte de Moçambique a 25 de agosto e Angola a 19 de outubro. Tal como todas as grandes potências, nomeadamente a França e, sobretudo, a Inglaterra, a Alemanha sentia-se no direito de construir o seu próprio império colonial, de maneira que, desde 1881, procurava estabelecer-se em várias zonas africanas, não pondo de parte a possibilidade de assimilar territórios pertencentes a outros países. É neste contexto que se organiza e envia para as colónias africanas, em setembro de 1914, o primeiro contingente de tropas portuguesas. Outros se seguiram nos anos subsequentes e, entre eles, companhias de infantaria do Regimento de Infantaria Nº 20, perfazendo um total aproximado de mil soldados⁴.

A 9 de março de 1916, a Alemanha declara guerra a Portugal, na sequência do arresto dos navios alemães ancorados em portos portugueses⁵. Inicia-se, assim, a intervenção militar portuguesa na Europa. A presença de Portugal no conflito gerou muita controvérsia e dividiu a opinião pública. Todavia, o governo justificava esta participação ao lado dos Aliados como sendo um mal necessário, a única forma de salvaguardar a integridade do império colonial, de afastar definitivamente qualquer tentativa de anexação de Portugal a Espanha e de recuperar o prestígio do país no plano internacional. Esperava-se, por isso, que todas as dissidências internas fossem postas de lado e que os portugueses se unissem em torno destes objetivos⁶.

A partir desta data, começam os preparativos. Em outubro, são mobilizados cerca de vinte mil homens, seguindo-se um reforço de mais oito mil, para realizarem a instrução no campo militar de Tancos, sob o comando do General Tamagnini Barbosa. Entre eles consta o batalhão proveniente do Regimento de Infantaria Nº 20, tal como anuncia o jornal *A Capital*:

«As tropas que estão sendo concentradas em Tancos partiram de Braga, Guimarães e Viana do Castelo na melhor ordem, havendo à sua partida manifestações entusiásticas. Do batalhão que está em Guimarães faltaram apenas, dos 1000 homens que o constituem, 32, muitos dos quais ainda se apresentam por estes dias.»⁷

O treino das tropas consiste em realizar simulacros de assalto, sob a protecção de artilharia que disparava granadas verdadeiras. Durante a permanência na instrução em Tancos, os soldados tiveram a oportunidade de ver um avião do tipo militar, marca *Farman*, que durante dez minutos fez exercícios demonstrativos de voo, sendo pilotado pelo Tenente Maia⁸.

³ Afonso, 2008, p. 28.

⁴ Ver jornal *O Comércio de Guimarães* de 22 de janeiro, p. 1 e 22 de outubro de 1915, p. 1. Fonte: Hemeroteca da Sociedade Martins Sarmento.

⁵ Jornal *A Capital* de 22 de fevereiro, p. 3 e de 9 de março de 1916, p. 3. Fonte: Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa.

⁶ Teixeira, 1998, p. 61.

⁷ Jornal *A Capital* de 7 de outubro de 1916, p. 3. Fonte: Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa.

⁸ Jornal *A Capital* de 23 de novembro de 1916, p. 3. Fonte: Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa.

Ao mesmo tempo que decorrem os exercícios de preparação em Tancos, agravam-se as medidas de controlo da imprensa decretadas pelo governo, tendo mesmo sido imposta a censura prévia a 28 de março de 1916. As notícias começam a escassear, sobretudo as que focavam matérias de natureza militar ou se faziam acompanhar de fotografias sobre a mesma temática⁹. Nos jornais, quer nos nacionais quer nos regionais, surge o ‘espaço em branco’, simbolizando uma notícia que nunca chegou ao grande público.

Flandres ... a frente do combate e o inimigo que já se avista

Em janeiro de 1917, são enviados os primeiros batalhões do Corpo Expedicionário Português para França, sob o comando do General Gomes da Costa. Em Lisboa, embarcam em navios de guerra britânicos com destino a Brest. Seguem de comboio até à cidade onde se encontra instalado o comando central dos Aliados e aí são acantonados. Inicia-se logo depois um breve período de instrução e adaptação antes das tropas serem expedidas para o guarnecimento de dezasseis quilómetros de trincheiras e distribuídas pelas diversas zonas de combate.

A 27 de maio, ainda antes da chegada do Batalhão de Infantaria Nº 20 à Flandres, o coronel Adolfo Almeida Barbosa propõe ao comando do C.E.P. a criação de uma única brigada que reunisse o Batalhão de Infantaria Nº 3 de Viana do Castelo, os Batalhões de Infantaria Nº 8 e Nº 29 de Braga, e o Batalhão de Infantaria Nº 20 de Guimarães, todos pertencentes à 8ª Divisão do Exército de guarnição do Minho. O objetivo passava por formar uma brigada de elite, pois eram sobejamente familiares ao dito coronel as qualidades dos homens da região norte de Portugal, gente de boa índole, robusta e de olhar vivaz. Aceite a proposta, surge então a 4ª Brigada de Infantaria, mais conhecida como “Brigada do Minho”.

A “Brigada do Minho” foi, no conjunto das brigadas da 2ª divisão, a primeira a ser constituída em solo francês. Consequentemente, foi também a primeira a estar preparada para entrar em combate. Uma vez terminado o tirocínio enquadrada em unidades inglesas e realizado algum serviço na reparação e construção de defesas, é enviada para as trincheiras no dia 23 de setembro. Permaneceu desde então na linha da frente até 9 de abril de 1918.

Esta brigada de soldados minhotos cedo apresentou características muito particulares que a destacavam das restantes unidades militares. Para além do facto de todos os efetivos usarem matacões, incluindo o comandante, os homens da “Brigada do Minho” são vistos como tropas solícitas e zelosas, respeitadoras da disciplina e ordem, apumadas e briosas, e com um sentido de dever muito forte. Eram muito admiradas pela sua coesão e o empenho vincado na execução de todas as ordens, no cumprimento de todos os serviços. Estavam indubitavelmente unidas pelo dever, a noção do perigo comum, a estima, camaradagem e dedicação que demonstravam ter uns pelos outros. Entre outros aspetos, tinham em comum a grande e nobre província nortenha, onde nasceram, e que por todas as formas procuravam sempre prestigiar, tal como menciona o tenente-coronel Vitorino Godinho¹⁰:

«Cultivavam o culto pela província querida em que nasceram, crescendo assim o espírito de solidariedade entre si, enraizando novas energias morais com o orgulho de pertencer à sua Brigada do Minho, cujas qualidades e méritos justificadamente procuravam engrandecer.»

A “Pátria” e a “Família” eram as instituições sagradas que encerravam todos os seus afetos, iluminavam os dias mais cinzentos, insuflavam os seus espíritos com a força e a coragem de que necessitavam. Por seu respeito e honra, todos os sacrifícios seriam válidos.

⁹ Sousa, 2013, p. 21.

¹⁰ Testemunho transmitido por carta com data de 1922, dirigida ao coronel Eugénio Mardel, que a publicou na sua obra de 1923, p. 44.

Esta notável brigada era, assim, considerada uma brigada “modelo”, do ponto de vista militar, e os seus homens não deixavam de inspirar respeito, admiração e, por vezes, espanto.

«Numa data que não posso precisar, a ração de pão foi bastante diminuída durante uns dias, e isso por causa, segundo se afirmou ao tempo, de dificuldades, nos transportes marítimos ingleses. Ao fim, porém, de curto prazo voltou o pão a ter o mesmo peso que anteriormente e a ser de excelente qualidade. Ora, nessa altura, encontrei nas trincheiras um soldadito do 8 de infantaria, ajoujado sob o fardo de umas tantas rações de pão, de latas de conserva, etc. Dirigi-lhe a palavra:

- Então, agora, já tens pão com fartura, não é assim?

- É verdade, meu general. Ele andava «ausente» mas, com medo de completar deserção, já se apresentou. Vai ficar «a gancho», que é para não se ausentar outra vez.

E lá se foi a rir, galgando muito lampeiro a distância que o separava dos seus camaradas, a quem ia levar o almoço, ao passo que eu me quedei pensativo, seguindo-o com a vista, a confirmar-me no acerto de que homens destes são capazes dos maiores rasgos de valentia, da mais ousada coragem, da mais extremada indiferença pela vida, de muita abnegação, capazes enfim, dos mais heroicos e generosos sacrifícios. Excelentes soldados os da 4ª Brigada (...). Não os há nem mais dedicados, nem mais sóbrios, nem mais pacientes, nem mais valorosos, nem mais patriotas.¹¹»

Os comandantes reconheciam que liderar a “Brigada do Minho” era uma honra, uma vez tratar-se de «(...) tropas em que o espírito de corpo tanto se manifestava, em que o cumprimento do dever era a sua aspiração única e em que os laços da disciplina sempre se mantiveram íntegros (...)»¹² Era sempre elogiada pelos comandos superiores aos quais estava subordinada, incluindo os comandos ingleses. E, mais tarde, também os soldados do exército alemão, reconhecendo a coragem dos Portugueses mortos na primeira linha, não deixaram de assinalar as suas campas com inscrições de homenagem em pedaços de madeira: «Hier Ruht in Gott ein Portugiese» (Aqui repousa em Deus um Português); «Hier Ruht ein Taffer Portugiese Krieger» (Aqui jaz um valente camarada Português)¹³.

A “Brigada do Minho” desapareceu no dia 9 de abril de 1918. Depauperadas, esgotadas, abatidas, esquecidas na frente¹⁴, as tropas da 4ª Brigada de Infantaria enfrentaram o mais terrível e mortífero fogo inimigo, disparado por centenas de canhões e morteiros. Sem apoios, reservas ou abrigos, a “Brigada do Minho” obedece às ordens recebidas e permanece nos seus postos de combate até ao último minuto. Esmagada por um número muito superior de forças inimigas, a divisão portuguesa acabará por ceder Fauquissart e perece. E a bandeira da Brigada, bordada e oferecida pelas senhoras de Viana do Castelo, e olhada com veneração e orgulho por todos os que arriscavam a sua vida no sangrento conflito, «combatendo em França pela Liberdade dos Povos, e Glória de Portugal»¹⁵, foi também destruída no bombardeamento.

Depois da batalha de La Lys, constituiu-se um novo batalhão com os destroços da “Brigada do Minho” e os restos de outras unidades de infantaria (nº 10, nº 13, nº 1, nº 2, nº 5). Contudo, dissolvida a brigada, desapareceu o “espírito de corpo”¹⁶.

¹¹ Episódio contado pelo general Simas Machado, numa carta redigida em agosto de 1922, ao coronel Eugénio Mardel, que a publicou na sua obra de 1923, p. 18.

¹² Testemunho de João Sinel de Cordes, transmitido por carta de Fevereiro de 1923, ao coronel Eugénio Mardel, publicado na sua obra de 1923, p. 19.

¹³ Testemunho do tenente-coronel Cesário Augusto de Almeida Viana, transmitido por carta de dezembro de 1922 ao coronel Eugénio Mardel para constar na sua obra de 1923, p. 42.

¹⁴ Sobre o estado físico e mental das tropas, ver o relatório elaborado pelo major Vitorino Godinho, ordenado pelo Quartel-general da 2ª Divisão. Este relatório aponta para um agravamento da moral dos soldados a partir de fevereiro de 1918, devido à longa permanência na frente, à progressiva redução do número de efetivos, à problemática questão das licenças, “conto do vigário” para uns, mas bilhete de saída para outros, às promessas de substituição nunca cumpridas, à falta de idoneidade da classe de oficiais. Estes e outros motivos contribuíam para o acentuado estado de fadiga física e depressão moral evidenciado pelas tropas (1918, pp. 59-62).

¹⁵ Testemunho do general Tamagnini de Abreu, transmitido por carta de julho de 1922 ao coronel Eugénio Mardel para constar na sua obra de 1923, p. 13.

¹⁶ Testemunho do tenente-coronel João Telo, transmitido por carta datada de 1922 ao coronel Eugénio Mardel para constar na sua obra de 1923, p. 52.

Segundo o major Dorbalino Martins (1995) e a obra *Estudo de pesquisa sobre a intervenção portuguesa na 1ª Guerra Mundial (1914-1918) na Flandres*, a participação do Batalhão de Infantaria Nº 20, enquadrado na “Brigada do Minho”, pode resumir-se da seguinte forma (Tabela nº 1):

Ano	Data	Acontecimentos
1917	22 de maio	Parte de Guimarães em direção a Lisboa, onde embarca a 27 do mesmo mês com destino a Brest, tendo aí chegado no dia 1 de junho (Imagem nº 1 – 4).
	3 de junho	Acantona em Herbelles (Nord-Pas-de-Calais) e, no dia 14, em Mametz (Somme).
	19 de julho	Acidente na instrução. Quando o batalhão se encontrava em instrução no campo de granadas de Marthos (Mametz), deu-se a explosão prematura de um “pippen”, que feriu fatalmente o capitão Faria, comandante da 1ª companhia, (faleceu no hospital inglês de Aire-sur-la-Lys no dia 24 de julho), e ainda provocou danos ligeiros a dois oficiais.
	26 de agosto a 1 de setembro	Tirocínio nas trincheiras. Durante este período, o batalhão permanece em tirocínio nas trincheiras inglesas, no sector de Cuinchy, enquadrado em companhias inglesas, e sem qualquer responsabilidade de defesa.
	30 de agosto	Primeiro morto em combate. Neste dia, quando o batalhão se encontrava em tirocínio no sector inglês de Cuinchy, morreu o primeiro soldado do Batalhão de Infantaria 20 (3ª companhia), atingido por estilhaços de morteiros.
	3 a 9 de setembro	Primeira ocupação das trincheiras com responsabilidade. Após o tirocínio, o batalhão ocupa pela primeira vez as trincheiras com responsabilidade de defesa, no sector inglês de Cuinchy.
	21 de setembro	S. S. de Ferme du Bois. O batalhão ocupa o sector de Ferme du Bois, onde permanece até 29 de dezembro. Tem como missão a defesa corpo a corpo, repelir patrulhas inimigas e executar patrulhas do batalhão.
	24 e 25 de outubro	Patrulha às linhas inimigas. Há 1h00, saiu do sector de Ferme du Bois uma patrulha do batalhão, composta por um oficial e onze praças. A sua missão passa por reconhecer o arame e permanecer em escuta durante pelo menos quinze minutos. Todavia, o inimigo deteta a patrulha e ataca-a com granadas de mão e tiros de espingarda, obrigando-a a recuar. Ao retroceder, a patrulha divide-se em dois grupos, um constituído por quatro praças e o outro pelo oficial e sete praças. O primeiro grupo desorienta-se devido à escuridão e irregularidade do terreno e penetra as linhas inimigas, recuando logo depois. Aguardam pelo nascer do sol e regressam ao ponto de partida às 9h00. O segundo grupo, acossado continuamente pelo fogo do inimigo, retorna à trincheira mas, no caminho, as praças perdem contacto visual com o oficial, desconhecendo por isso o que lhe aconteceu. Este nunca regressou. Na troca de tiros de espingarda, uma das praças foi ferida com um tiro disparado pelas tropas do 20.
	26 de outubro	Bombardeamento inimigo no S. S. de Ferme du Bois. O ataque teve início às 8h00 e terminou às 9h20. Morteiros pesados foram lançados sobre os flancos da primeira linha, defendida pelas tropas do 20. Como represália, as tropas bateram a primeira linha inimiga com morteiros médios, “mantendo-a em respeito” (p. 198). Desta ação resultou um soldado morto e um ferido.

Ano	Data	Acontecimentos
	12 de março	Raide inimigo. O inimigo ataca os sectores de Fauquissart (Laventie) e Chapigny, onde se encontram os Batalhões de Infantaria Nº 20 e Nº 3, Nº 5 e Nº 2, respetivamente. O assalto das tropas de infantaria inimiga, com o efetivo de um batalhão, foi preparado para o bombardeamento de artilharia curta, que se iniciou pelas 5h30 e foi "(...) violentíssimo, deixando as trincheiras arrasadas em grande parte" (p. 199). Às 6h30, o bombardeamento inimigo começa a abrandar e, às 7h00, a infantaria inimiga penetra nas linhas defendidas pelos Portugueses, embora rapidamente rebatida graças à ação conjunta dos Batalhões de Infantaria Nº 3, Nº 8, Nº 20, Nº 2 e Nº 5 e da 2ª Bateria, pertencente ao 6º Grupo de Baterias de Artilharia. Findo este ato de hostilidade, o inimigo, já recolhido nas suas linhas, levanta a bandeira da cruz vermelha para recolher os seus mortos e feridos. Às 9h00, a artilharia portuguesa cessa a sua ação. Este ataque provocou quatro mortes e feriu dezasseis soldados do Batalhão de Infantaria Nº 20, ao passo que a restante infantaria e artilharia apresentou, no seu conjunto, um total de nove mortos, quarenta feridos e três soldados gaseados. O inimigo também teve algumas baixas. O alferes Guedes Gomes fez dois prisioneiros na "terra de ninguém".
	19 de março	Louvor. A Ordem de Serviço Nº 78 do Quartel-general da 2ª Divisão estipula «[q]ue o batalhão de infantaria nº 20 seja louvado pela disciplina, coragem e bravura com que repeliu o inimigo no violento ataque de 12 do corrente, não permitindo que ele tomasse um só elemento da linha A.» (p. 199) (Imagem nº 5). Bombardeamento inimigo no S. S. 1 de Fauquissart, incidindo particularmente sobre as arrecadações e depósitos de convalescentes. Durante todo o mês, os bombardeamentos sucedem-se quase ininterruptamente, enfraquecendo a proteção das trincheiras.
	4 de abril	Bombardeamentos e patrulhas inimigas. O inimigo bombardeia as cozinhas do batalhão de apoio com granadas explosivas e gases asfixiantes, provocando algumas baixas. A sua atividade intensifica-se, tanto de dia como de noite, multiplicando-se as incursões às linhas defendidas pelas tropas portuguesas.
	9 de abril	Batalha do Lys. O Batalhão de Infantaria Nº 20 é responsável pela proteção da primeira e segunda linhas de defesa do S. S. 1 de Fauquissart. Na primeira linha distribuem-se a 1ª, 2ª e 4ª companhias, ao passo que na segunda linha está colocada a 3ª companhia, reforçada com a 2ª companhia do Regimento de Infantaria Nº 29. O número de efetivos é reduzido, assim como o armamento disponível. Às 4h10, os Alemães iniciam as hostilidades com particular violência, levando a 1ª companhia a lançar um S.O.S às tropas da artilharia que, por sua vez, não respondem ao pedido, causando assim um grande mal-estar. Às 4h45, as companhias da zona centro e da direita abandonam a linha A. Às 5h30, o comandante da 2ª companhia é informado por um dos comandantes de pelotão que a primeira linha havia sido destruída e que as companhias que a guarneciam se encontravam praticamente dizimadas pelo inimigo. O comandante da 4ª companhia, o alferes Andrade, surge na linha B completamente desorientado e só, afirmando que abandonou a 1ª linha por não poder permanecer naquela posição e que a sua companhia fora aniquilada. Às 6h00, chega à linha B o alferes Alves, juntamente com oito praças, o remanescente da 2ª companhia, a companhia que comandava. Como represália, quinze minutos depois intensifica-se o fogo de barragem na linha B, batendo-se as linhas inimigas com granadas de todos os calibres. Por volta das 7h00, aparecem praças vindas da esquerda e pertencentes ao Batalhão de infantaria Nº 8 questionando os comandantes das companhias situadas na linha B sobre a veracidade de uma informação que dava conta da intenção das tropas de artilharia varrerem a primeira linha. Constam que tal informação não passa de um boato e regressam à primeira linha, mantendo-se o dito batalhão no local até às 9h00, sempre muito castigado pelas metralhadoras inimigas, estabelecidas já na "terra de ninguém". Às 8h30, o comandante da 2ª companhia apercebe-se que os reforços não chegam e que as ordenanças não voltam. Por sua vez, as suas tropas vão sendo paulatinamente eliminadas pelo fogo inimigo. Pelas 9h00, os Alemães alongam o tiro e pouco tempo depois invadem a primeira linha de defesa e aparecem na frente do abrigo do comandante da 1ª companhia. Os oficiais e praças que ali se encontram oferecem a sua máxima resistência, contudo, perante a gravidade da situação, o comandante propõe a retirada. Para obter a ordem de retirada, desloca-se ao comando do batalhão, mas é ferido no caminho e os seus oficiais que permaneceram na linha são capturados pelos Alemães. Os últimos defensores da linha abrem fogo com uma metralhadora ligeira e espingardas, conseguindo deter o inimigo durante apenas alguns minutos. Pouco depois, aquele avança sobre a linha e, por volta das 9h40, aprisiona o Comando do Batalhão que, apesar de avisado pelo capitão Queiroz, já ferido, que os Alemães se encontravam a apenas umas centenas de metros e progrediam sem oposição, hesitou e não bateu em retirada. La Lys resultou numa verdadeira tragédia humana para o Batalhão de Infantaria Nº 20, que num só dia viu o seu número de efetivos reduzido para 300 homens.

Ano	Data	Acontecimentos
	abril...	Fusão com o Batalhão de Infantaria Nº 3. O remanescente do Batalhão de Infantaria Nº 20, juntamente com o Batalhão de Infantaria Nº 3, passa a integrar um novo batalhão (B. I. 20 – 3). Este segue agora para a base de Ambleteuse e depois para Henrighem, trabalhando as tropas na recuperação e edificação de fortificações. Desloca-se de seguida para Nieppe, onde se confronta novamente com os soldados alemães, resultando em novas baixas.
	outubro	Insubordinação. Em outubro, o batalhão segue para Neuf Berquin, onde se dá uma pequena insubordinação.
	novembro	Dissolução. Como consequência da insubordinação ocorrida no mês anterior, o Batalhão de Infantaria Nº 3 é dissolvido e as tropas são distribuídas pelos Batalhões de Infantaria Nº 11, 17 e 34.
1923	21 de Abril	Condecoração. De acordo com a Ordem de Serviço Nº 7, 2ª série, de 1923, determina-se que «[a]tendendo aos brilhantes feitos praticados nos campos de batalha, em França, pelo batalhão de infantaria nº 20 e tendo em atenção a coragem e bravura com que repeliu o inimigo no combate de 12 de Março de 1918: hei por bem decretar, sob proposta do Ministro da Guerra, que o referido batalhão, que constitui o quarto batalhão da “Brigada do Minho”, seja condecorado com a Cruz de Guerra de 1ª Classe como recompensa pelos serviços relevantes que prestou, concorrendo de maneira notável para o bom nome do exército português (...).» (p. 199).
1926	31 de março	Condecoração. A Ordem de Serviço Nº 6, 2ª série, de 1926, determina que «[t]endo em consideração os feitos e a forma brilhante e corajosa como a ‘Brigada do Minho’, composta dos batalhões de infantaria nº 3, 8, 20, 29 e 4ª B. M. I., e bem assim as tropas que com ela cooperaram, 4º G. M., 6ª G. B. A. e 4ª B. M. M. se houveram nos campos de batalha em França especialmente no combate de 9 de Abril de 1918, quando ocupava o Sector de FAUQUISSART, sobre o qual incidiu mais vigorosamente o ataque alemão, que aquela brigada, quasi sem apoios e reservas, suportou com corajosa firmeza e resistência, como atesta o elevado número de mortos, feridos, prisioneiros em oficiais e praças. (...) Hei por bem, sob proposta do Ministério da Guerra, decretar que a referida bandeira da ‘Brigada do Minho’ seja condecorada com a CRUZ DE GUERRA DE 1ª CLASSE...» (p. 202)

Tabela nº 1. Resumo da participação do Regimento de Infantaria Nº 20/Batalhão de Infantaria Nº 20 na Grande Guerra, na Flandres (Martins, 1995, pp. 197-203).

Na “folha de serviço” do Batalhão de Infantaria Nº 20 na Primeira Guerra Mundial ganham particular destaque dois acontecimentos, nomeadamente o combate de Fauquissart, que ficou conhecido como “o raide do 12 de março”, e a batalha de La Lys, a 9 de abril. Em ambos sobressai a capacidade das tropas, apesar de todas as adversidades e deficiências ao nível da preparação, fardamento e armamento, de receber e aguentar, no limite das suas forças, os sucessivos ataques inimigos, e o elevado número de baixas (mortos, desaparecidos, feridos e prisioneiros), (Tabela nº 2). Recebem, por isso, a designação de feitos heroicos e formidáveis, e os soldados são conhecidos pela sua coragem, honra, espírito de entreatajuda e sacrifício. As condecorações e louvores não apagam, todavia, o facto de o conflito ter custado ao Batalhão praticamente a totalidade do seu número de efetivos em França e aos sobreviventes o resto de uma vida tranquila e a sua paz de espírito.

Unidades		Efetivos a 8		Perdas 8-9		Efetivos a 9		Localização
		Of.	Praças	Of.	Praças	Of.	Praças	
Q. G. da Divisão		49	411	-	5	49	406	Lestrem
3ª B. I. Reserva	Q. G.	14	280	-	-	14	280	La Gorgue
	Inf. 9	22	758	6	27	16	731	Riez Bailleul
	Inf. 12	13	780	2	19	11	761	La Gorgue
	Inf. 14	16	773	1	66	15	707	Pont Riqueil
	Inf. 15	24	878	12	98	12	780	Croix Marm
4ª B. I. Esq.	Q. G.	10	57	7	27	3	30	Laventie
	Inf. 3	22	743	17	410	5	333	R. M. 4 d 6075
	Inf. 8	26	782	21	529	5	253	S. S. 2
	Inf. 20	21	725	19	538	2	187	S. S. 1
	Inf. 29	21	770	17	415	4	355	Apoio
5ª B. I. Dir.	Q. G.	9	53	5	20	4	33	C. du Raux
	Inf. 4	19	660	16	516	3	144	Apoio
	Inf. 10	25	577	23	292	2	285	S. S. 1
	Inf. 13	20	771	12	388	8	383	Reserva
	Inf. 17	30	780	24	637	6	143	S. S. 2
6ª B. I. Centro	Q. G.	13	170	7	96	6	74	Huit Maisons
	Inf. 1	16	678	12	372	4	306	S. S. 1
	Inf. 2	21	693	19	619	2	74	S. S. 2
	Inf. 5	17	655	1	254	16	401	Reserva
	Inf. II	18	692	16	375	2	317	
...	

Tabela nº 2. Relação dos efetivos dos batalhões de infantaria antes e após a Batalha de La Lys, com destaque para o Batalhão de Infantaria Nº 20 (Gomes da Costa, 192?, p. 222).

Um olhar geral pela tabela nº 2, que foca apenas as tropas de infantaria, permite vislumbrar a dimensão da tragédia humana que este conflito gerou. Para Portugal, que vivia um período de grande turbulência política, se digladiava com as profundas vulnerabilidades da sua economia e enfrentava a oposição e descontentamento cerrados da população, a participação na Primeira Guerra Mundial saldou-se efetivamente e apenas com a manutenção da integridade das suas colónias. Tudo o resto se resume a um número assombroso de militares mortos, desaparecidos e feridos em combate na Flandres (Tabela nº 3). Quanto ao resultado dos confrontos em África, essa contabilidade requer ainda mais investigação, mas aponta igualmente para um número significativo de perdas humanas, com particular destaque para os mortos por motivo de doença¹⁷ (Tabela nº 4).

¹⁷ A relação dos militares mortos nos confrontos em Angola e Moçambique durante o período de 1914-1918 é apresentada e discutida por Marco Arrifes (2004) nas páginas 204 a 210, e 329 a 331 (anexo nº 19).

Baixas no C. E. P.				
Mortos	Motivo	Oficiais	Praças	Total
	Em combate	52	1541	1593
	De doença	24	558	582
	De gases	2	66	68
	Outros	-	45	45
	Total	87	2210	2288
Feridos	Motivo	Oficiais	Praças	Total
	Em combate	151	2735	2886
	Gás	142	1758	1900
	Desastre	39	407	446
	Total	332	4900	5232
	--	Oficiais	Praças	Total
Desaparecidos	---	3	235	238
Prisioneiros	---	273	6570	6843
	TOTAL	695	13915	14601

Tabela nº 3. Baixas no C. E. P. (Gomes da Costa, 192?, p. 224).

Baixas nas Colónias			
Mortos	Motivo	Angola	Moçambique
	Em combate	237	2633
	Por doença	648	2214
Feridos	---	311	301
Incapazes	---	252	1283
	TOTAL	1448	6431

Tabela nº 4. Baixas nas colónias durante a Grande Guerra. Fonte: Mapa de baixas elaborado em 1918, citado por Marco Arrifes, 2004, p. 205.



Imagem nº 1. Uma revista de Infantaria 20 antes de partir para França no quartel do Proposto. In *Ilustração Portuguesa*, nº 592 de 25 de junho de 1917, p. 504. Fonte: Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa.



Imagem nº 2. Batalhão do Regimento de Infantaria Nº 20 a caminho da estação ferroviária de Guimarães. In *Ilustração Portuguesa*, nº 592 de 25 de junho de 1917, p. 504. Fonte: Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa.

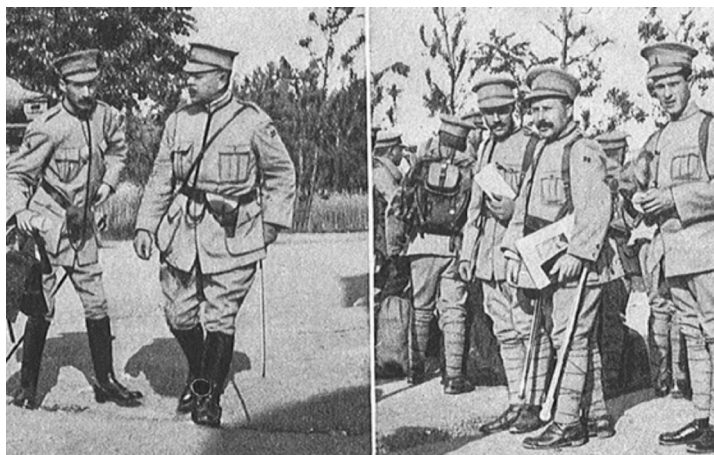


Imagem nº 3. O major Araújo, comandante de um batalhão de Infantaria Nº 20 e sargentos do mesmo regimento. In *Ilustração Portuguesa*, nº 592 de 25 de junho de 1917, p. 503. Fonte: Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa.



Imagem nº 4. A despedida do batalhão de Infantaria Nº 20 na estação de Guimarães. In *Ilustração Portuguesa*, nº 592 de 25 de junho de 1917, p. 503. Fonte: Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa.



Imagem nº 5. Louvor ao Batalhão de Infantaria Nº 20 na sequência do combate de Fauquissart, travado a 12 de março de 1918. Fonte: coleção de Maria Adelaide Cunha Reis de Moraes.

“Glória aos Mortos que vertendo o seu sangue pela PÁTRIA, honrando-A, jamais a verão.”¹⁸

Guimarães era a casa do Regimento de Infantaria Nº 20. Acolhido em 1884, foi instalado no antigo Paço dos Duques de Bragança, por onde já haviam passado outros regimentos, frequentando também o chamado quartel do Proposto, localizado nos terrenos da quinta que lhe emprestou o nome (Imagem nº 6). Este Regimento Nº 20 foi aquele que, no conjunto com todos os outros, mais se notabilizou sobretudo por ter participado em vários eventos de cariz militar, dos quais sobressai compreensivelmente a Primeira Guerra Mundial. Foi precisamente no Proposto que as tropas mobilizadas formaram pela última vez antes de marcharem para a estação de caminho-de-ferro, de onde partiram para se entregar ao fatídico conflito. Os que tiveram a boa sorte de sobreviver regressaram à sua terra dois anos depois.

Por essa altura, a comunidade vimaranense une-se em torno de um movimento destinado a homenagear os seus militares mortos em combate. Para esse efeito, foi criada uma lápide onde se inscreveu o nome daqueles que pereceram na Europa e na África. Simbolicamente, decidiu-se colocar a lápide na fachada da parede interior do quartel, de frente para a porta principal e por baixo da capela do Paço dos Duques de Bragança, coincidindo a solenidade com as Festas Gualterianas do ano de 1924 que, por sua vez, já incluíam no seu programa festivo a aposição das insígnias da Cruz de Guerra de 1ª Classe à Bandeira do Regimento de Infantaria Nº 20, condecoração há muito aguardada e finalmente atribuída. A cerimónia, realizada no dia 3 de agosto, teve lugar na praça do Toural e, uma vez findos todos os protocolos, seguiu-se um cortejo até ao quartel, onde se descerrou publica e oficialmente a lápide, testemunho da coragem e espírito de sacrifício dos soldados do 20¹⁹ (Imagem nº 7).

¹⁸ Eugénio Mardel, 1918, p. 107

¹⁹ Jornal *Gil Vicente* de 3 de agosto de 1924, 2ª série, nº 76, p. 1. Fonte: Hemeroteca da Sociedade Martins Sarmento.

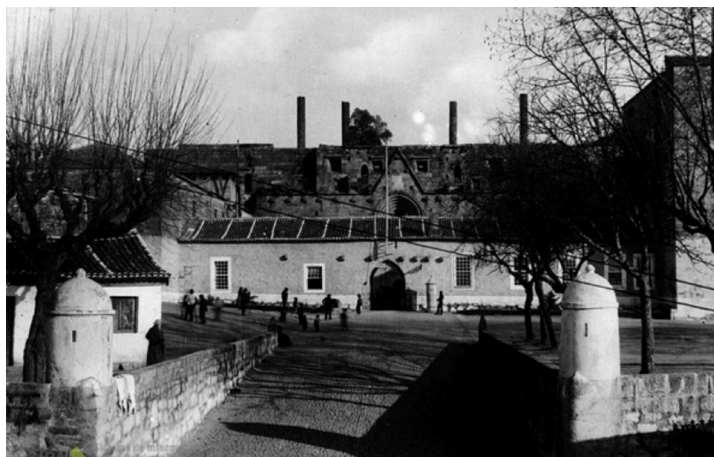


Imagem nº 6. Quartel do Regimento de Infantaria no edifício do antigo Paço dos Duques de Bragança. Fonte: Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Em novembro de 1927, o jornal *O Comércio de Guimarães*²⁰ noticia a existência de uma outra lápide, colocada no dia em que se celebrava o Armistício no Liceu Nacional de Martins Sarmento, em memória de três antigos alunos daquele estabelecimento escolar, designadamente José Vieira de Faria, capitão de infantaria, Alfredo Guimarães, capitão de cavalaria, e Januário Augusto de Sousa Guerra, tenente de infantaria. Esta lápide, porém, nunca foi encontrada, desconhecendo-se até hoje o seu destino.

Quanto à lápide que se encontrava no quartel do Regimento, consta-se que terá sido removida na década de 1940, altura em que no Paço dos Duques de Bragança se realizavam obras de restauro, e possivelmente custodiada pela delegação de Guimarães da Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra. Alguns anos antes, mais precisamente a 23 de dezembro de 1936 e por deliberação da Câmara Municipal, foram adquiridos pela Liga cerca de 30 m² de terreno, no canteiro número vinte e cinco do cemitério municipal da Atouguia, um espaço destinado a receber as sepulturas dos combatentes da Primeira Guerra Mundial após o seu falecimento. Em setembro do ano seguinte, a Liga dos Combatentes ampliou essa área com a aquisição de mais 20 m².

²⁰ Jornal *O Comércio de Guimarães* de 15 de novembro de 1927, p. 1. Fonte: Hemeroteca da Sociedade Martins Sarmento.



Imagem nº 7 – Placa comemorativa colocada no quartel do Regimento de Infantaria Nº 20. Fonte: Direção Geral dos edifícios e Monumentos Nacionais.

Posteriormente foi erigido naquele local um monumento, no qual se colocou a lápide que outrora figurou no quartel do Regimento de Infantaria Nº 20 (Imagem nº 8). Sobre a sua inauguração, não se encontraram ainda elementos informativos, o que leva a crer que a mesma foi feita sem qualquer formalidade cerimoniosa ou a distinção que o assunto impõe. Os vimaranenses passam a homenagear os soldados do 20 no cemitério, os mesmos que pela honra da sua terra, das suas gentes e do seu país, ao contrário de muitos outros, escolheram permanecer no seu posto de combate até ao derradeiro minuto, sabendo que essa opção lhes custaria a sua vida.

Não deixa, todavia, de ser curioso o facto de nela estarem inscritos os nomes de apenas cento e vinte e um militares que pereceram na Flandres e nas colónias, quando se sabe que o número total dos que sucumbiram é muito maior. Por que motivo se fez essa seleção e em que critérios se baseou? Quem foram os seus responsáveis? É definitivamente um assunto que pede mais investigação.



Imagem nº 8 – Monumento aos mortos no cemitério da Atouguia. Fonte: fotografia do autor.

Pertencem, enfim, à História...

A Primeira Guerra Mundial é um capítulo negro na história da Humanidade. Os eventos que estiveram na sua origem, o conflito e as suas consequências são um poderoso testemunho das tragédias que advêm da existência de ressentimentos, rivalidades, ambições desproporcionadas e interesses escusos entre nações, e das ações executadas sob a sua influência. Numa análise muito abrangente do conflito facilmente se conclui que não há, efetivamente, qualquer aspeto positivo a salientar, nenhum fim que justifique a dimensão da destruição material e humana que se registou. Iniciada nos primeiros dias de agosto de 1914 com a invasão da Bélgica pelas tropas da Alemanha, a guerra só viria a terminar com a assinatura do Armistício a 11 de novembro de 1918, depois de todos os recursos se terem esgotado. Várias cidades foram destruídas e os campos verdejantes da Flandres, assim como as paisagens luxuriosas africanas foram transformados em verdadeiros campos de morte, neles brotando apenas os cemitérios.

A participação de Portugal na “Grande Guerra” não constitui, por isso, um evento digno de celebração, ainda que o conflito em si tenha um lugar de relevo na história contemporânea portuguesa. Aqueles que argumentaram a seu favor, viram na intervenção uma forma do país se afirmar no panorama europeu, reconquistando a posição e o prestígio de tempos passados, de defender as suas colónias das ambições francesas, inglesas e alemãs, de afastar o perigo da anexação a Espanha e de legitimar o regime republicano, ao qual faltava uma efetiva aceitação nacional (Teixeira, 1998, pp. 56-60). O final do conflito e o que dele resultou vieram, porém, demonstrar o pouco significado e relevância que as pretensões portuguesas tinham no concerto das nações vencedoras. O Tratado de Versalhes traduziu-se numa tremenda decepção e aos designados “intervencionistas” nunca lhes foi perdoado o envio de uma geração de Portugueses para uma guerra cruel e desumana, privados de tudo o que necessitavam. Os livros de memórias de combatentes, publicados por aqueles que possuíam ainda a coragem para as partilhar, são unânimes quando descrevem o que se viveu como uma experiência profundamente perturbadora e traumatizante (Cortesão, 1919, p. 233).

No conjunto das tropas enviadas para a Flandres, Angola e Moçambique, encontravam-se companhias de Infantaria do 20.º Regimento que tinha quartel em Guimarães. Na história de vida deste Regimento (1884-1927), repleta de episódios ainda desconhecidos e por estudar, tem particular destaque a sua intervenção na Primeira Guerra Mundial e o papel desempenhado nas três frentes do combate. No âmbito deste trabalho, expõem-se algumas informações que apenas dizem respeito aos acontecimentos vividos no teatro de guerra da Flandres, para onde partiu o referido Batalhão de Infantaria Nº 20 a 27 de maio de 1917. Já em solo francês, o Batalhão foi integrado numa nova brigada, criada por iniciativa do coronel Adolfo Barbosa, que também agregou a si os Batalhões de Infantaria Nº 3 de Viana do Castelo e o Nº 8 e Nº 29 de Braga. Estava assim constituída a “Brigada do Minho” que viria a notabilizar-se pelo comportamento, manifestação de força e desempenho dos seus militares. Tratava-se, de facto, de um grupo que se demarcava pelo forte sentido de dever, pelo empenho e brio na execução das ordens de serviço e pela coesão dos seus elementos, baseada no respeito e estima que tinham uns pelos outros. Sob a bandeira da Brigada, serviam com orgulho a sua terra, a sua gente, o seu país.

Foi precisamente a sua noção de “dever” que, no dia 9 de Abril de 1918, manteve as tropas da “Brigada do Minho” nos seus postos de combate, enquanto procuravam defender-se de um inesperado e terrível ataque alemão. Obedientes à proibição de retirada, os militares Portugueses fincaram as suas posições no campo de batalha, mesmo quando se tornava claro que seriam incapazes de sustentar as massas do inimigo. E à medida que os soldados alemães conquistavam cada metro da primeira linha de defesa no sector de Fauquissart, iam encontrando os corpos dos homens da “Brigada do Minho”, tombados à volta das peças de artilharia e rodeados de milhares de cartuchos vazios. Reconhecendo a sua coragem e espírito de sacrifício, alguns acabaram mesmo por lhes prestar a sua homenagem, deixando inscrições em pedaços de madeira junto das suas campas: “Aqui jaz um valente camarada Português”. Naquela que posteriormente ficou conhecida como “Batalha de La Lys”, pereceu a corajosa “Brigada do Minho” e com ela quase a totalidade dos efetivos do Batalhão de Infantaria Nº 20.

Com o final da “Grande Guerra” e o regresso dos sobreviventes, Guimarães vibra com os relatos das campanhas do 20, festeja os louvores que o Batalhão conquistou e a justiça na atribuição da Cruz de Guerra de 1ª Classe à Bandeira do Regimento de Infantaria Nº 20, e homenageia um número restrito dos seus mortos com uma lápide, que se encontra atualmente no cemitério municipal da Atouguia. Mas o que sabem os vimaranenses de hoje sobre o honorável Regimento de Infantaria Nº 20? Onde encontram os vestígios da sua existência, as marcas da vida que imprimiu à cidade, a memória dos homens que o serviram em todas as pequenas e grandes batalhas? Em que esquina de rua, praça, parede velha de casa ou jardim é possível testemunhar o reconhecimento dos vimaranenses de então e dos vimaranenses dos nossos dias pelos feitos dos valorosos soldados do 20 que nas trincheiras da Flandres soltaram o seu último suspiro? Neste centenário da Primeira Guerra Mundial, terá Guimarães uma noção aproximada da dimensão da tragédia que sofreu?

Passados oitenta e quatro anos, foi finalmente encontrada, em julho de 2011, a bandeira do Regimento de Infantaria Nº 20²¹ (Imagem nº 9). Desaparecida após a extinção do Regimento, por ordem de Salazar, a bandeira foi localizada nas reservas do Museu Militar de Lisboa, na sequência de uma investigação privada que contou com o auxílio e boa vontade de vários colaboradores²².



Imagem nº 9 – Bandeira do Regimento de Infantaria Nº 20. Fonte: fotografia do autor.

O resultado é o regresso do estandarte do 20 à sua terra natal e ao Paço dos Duques de Bragança, antigo quartel do Regimento. Pretende-se que, no contexto de uma exposição que se está a organizar naquele espaço museológico, a bandeira possa ser exibida ao público, dando-se novamente a conhecer e ao Regimento que representava. Espera-se também que este reencontro com a cidade e os seus habitantes atuais possa potenciar o surgimento de sinergias, tendo em vista o desenvolvimento da investigação sobre o Regimento de Infantaria Nº 20. A recuperação da antiga ligação entre o espaço, os homens e a memória reveste-se de grande importância, até porque o 20 pertence efetivamente à História, mas também a Guimarães e aos vimaranenses.

Carlos Manuel Leite Ribeiro de Sousa,
Guimarães, 14 de março de 2015.

²¹ A recuperação da bandeira foi noticiada no jornal *Notícias de Guimarães* de 9 de setembro de 2011, p. 10. Fonte: exemplar do autor.

²² Agradece-se aos técnicos do Museu Militar de Lisboa, em particular ao alferes João Lopes, a sua disponibilidade e todo o apoio concedido na pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, A., 2008. *Grande Guerra: Angola, Moçambique e Flandres*. Matosinhos: QuidNovi.
- Arrifes, M., 2004. *A Primeira Grande Guerra na África Portuguesa: Angola e Moçambique (1914-1918)*. Lisboa: Edições Cosmos/Instituto da Defesa Nacional.
- Cordes, J. Sinel de, 1923. A Brigada do Minho. In: E. Mardel, 1923. *A “Brigada do Minho” na Flandres (o 9 de Abril): subsídios para a história da 4ª Brigada do C. E. P.* Lisboa: Serviços Gráficos do Exército, pp. 19-21.
- Cortesão, J., 1919. *Memórias da Grande Guerra (1916-1917)*. In *Biblioteca Histórica, Memórias II*. Porto: Renascença Portuguesa.
- Costa, M. Gomes da, 192?. *A grande batalha do C. E. P.: a Batalha do Lys*. Lisboa: Livraria Franco.
- Godinho, V., 1922. Apontamentos e impressões pessoais sobre o 9 de Abril. In: E. Mardel, 1923. *A “Brigada do Minho” na Flandres (o 9 de Abril): subsídios para a história da 4ª Brigada do C. E. P.* Lisboa: Serviços Gráficos do Exército, pp. 43-46.
- Machado, S., 1922. A Brigada do Minho. In: E. Mardel, 1923. *A “Brigada do Minho” na Flandres (o 9 de Abril): subsídios para a história da 4ª Brigada do C. E. P.* Lisboa: Serviços Gráficos do Exército, pp. 15-18.
- Mardel, E., 1923. *A “Brigada do Minho” na Flandres (o 9 de Abril): subsídios para a história da 4ª Brigada do C. E. P.* Lisboa: Serviços Gráficos do Exército.
- Martins, D., coord. 1995. *Estudo de pesquisa sobre a intervenção portuguesa na 1ª Guerra Mundial (1914-1918) na Flandres (coletânea de documentação)*. Lisboa: Estado Maior do Exército/Direção de Documentação e História Militar.
- Sousa, J., 2013. *Portugal na Grande Guerra: uma crónica visual – parte I. Estudo do discurso em imagens da Ilustração Portuguesa (1914-1918)*. Porto: Media XXI – Publishing, research and consulting.
- Tamagnini, F., 1922. A ação da «Brigada do Minho» antes e depois do 9 de Abril. In: E. Mardel, 1923. *A “Brigada do Minho” na Flandres (o 9 de Abril): subsídios para a história da 4ª Brigada do C. E. P.* Lisboa: Serviços Gráficos do Exército, pp. 11-13.
- Teixeira, N., 1998. Portugal na “Grande Guerra” 1914-1918: as razões da entrada e os problemas da conduta. In: N. Teixeira, coord. 1998. *Portugal e a guerra: história das intervenções militares portuguesas nos grandes conflitos mundiais (séculos XIX-XX)*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 55-69.
- Telo, J., 192?. A «Brigada do Minho» na Flandres. In: E. Mardel, 1923. *A “Brigada do Minho” na Flandres (o 9 de Abril): subsídios para a história da 4ª Brigada do C. E. P.* Lisboa: Serviços Gráficos do Exército, pp. 51-53.
- Viana, C., 1922. A Brigada do Minho. In: E. Mardel, 1923. *A “Brigada do Minho” na Flandres (o 9 de Abril): subsídios para a história da 4ª Brigada do C. E. P.* Lisboa: Serviços Gráficos do Exército, pp. 41-42.

Periódicos

Jornal *A Capital* de 22 de fevereiro de 1916.

Jornal *A Capital* de 9 de março de 1916.

Jornal *A Capital* de 7 de outubro de 1916.

Jornal *A Capital* de 23 de novembro de 1916.

Jornal *Gil Vicente* de 3 de agosto de 1924, 2ª série, nº 76.

Revista *Ilustração Portuguesa*, nº 592 de 25 de junho de 1917.

Jornal *Notícias de Guimarães* de 7 de outubro de 1956.

Jornal *O Comércio de Guimarães* de 22 de janeiro de 1915.

Jornal *O Comércio de Guimarães* de 22 de outubro de 1915.

Jornal *O Comércio de Guimarães* de 15 de novembro de 1927.

Fontes arquivísticas

Godinho, V., 1918. Estado físico e moral das tropas, capítulo III. Relatório sobre o 9 de abril, ordenado pelo Quartel-general da 2ª Divisão. Cota:

Páginas Web

Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SitePageContents.aspx?id=8937d1do-e95b-40aa-9f23-c2aea86119b4 [consultado a 14 de março de 2015].